

**“O Lugar de uma Mulher” na Série O Conto da Aia:
representações da “traidora de gênero” Serena Joy**

***“A Woman’s Place” in the series The Handmaid’s Tale:
representations of the “gender traitor” Serena Joy***

Vanessa FORTE¹
Allysson MARTINS²

Resumo

Este trabalho propõe o entendimento de como as representações sociais das mulheres são apresentadas através da trajetória de Serena Joy, líder das Esposas e antagonista em O Conto da Aia. Para isso, foram analisadas as três temporadas da série, não através dos aspectos audiovisuais, mas de uma descrição das cenas, tensionadas pelos conceitos da relação da mulher com a sociedade, dos espaços que ocupa e das funções sociais esperadas. Percebe-se que as exigências impostas retomam um ideal retrógrado do que é ser mulher, como: destinação ao espaço doméstico; delicadeza e passividade nas relações; esposa e mãe como mulher completa; fraqueza e fragilidade como características inatas; roupa de modelos restritos e cor única (azul), em alusão à pureza e à santidade; submissão e servidão aos homens, sobretudo ao marido.

Palavras-chave: Lugar da mulher. Representação da mulher. Patriarcado. O Conto da Aia. Hulu.

Abstract

This article proposes an understanding of how the women’s social representations are presented through the trajectory of Serena Joy, the leader of the Wives and antagonist in The Handmaid’s Tale. For that, three seasons of the series were analyzed, not through audiovisual aspects, but through a description of the scenes, tensioned by the concepts of the relationship between women and society, the spaces they occupy and the expected social functions. It’s noticed that the imposed requirements return to a retrograde ideal of what it’s to be a woman, such as: allocation to the domestic space; delicacy and passivity in relationships; wife and mother as a complete woman; weakness and frailty as innate features; clothing of restricted models and a single color (blue), alluding to purity and sanctity; submission and servitude to men, especially to the husband.

Keywords: Woman’s place. Representation of women. Patriarchate. The Handmaid’s Tale. Hulu.

1 Graduado em Jornalismo. Integrante do MíDI – Laboratório de Mídias Digitais e Internet da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Bolsista ATN do CNPq. E-mail: vanessa23forte@gmail.com

2 Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Professor e coordenador do MíDI – Laboratório de Mídias Digitais e Internet da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: allyssonviana@unir.br

Introdução

A *Woman's Place*, O Lugar de uma Mulher em português, é o livro da escritora, pesquisadora e palestrante Serena Joy, para quem a vida moderna das mulheres é a principal causa da queda da taxa de natalidade e da infertilidade da população. A solução seria um “feminismo doméstico”, em que as mulheres renunciam seus trabalhos e se dedicam inteiramente à vida do lar, voltando aos costumes tradicionais de servidão ao marido. Essa ideia é defendida pela personagem interpretada pela atriz Yvonne Strahovski, da série *The Handmaid's Tale*, O Conto da Aia em português, transmitida pelo canal de *streaming* Hulu. A produção é baseada no romance homônimo da escritora canadense Margaret Atwood, lançado em 1985, inspirado nas escrituras bíblicas e na reação contra o movimento feminista nos EUA, quando o presidente Ronald Reagan, com mandato de 1981 até 1989, pregava que o país voltasse aos costumes tradicionais.

A obra narra a história de um país destruído por catástrofes ambientais. Por causa do aquecimento global e da poluição, a taxa de infertilidade cresceu, atingindo 60% da população. No México, por exemplo, apenas uma criança nasceu em 6 anos. A solução nos EUA foi a criação de uma nova nação, Gilead. O sistema político desta República representa uma “cura” para os erros que eram cometidos no antigo país, como a destruição ambiental e os crimes considerados pecaminosos, como a homossexualidade. Os seus ideais se baseiam em trechos bíblicos, com uma interpretação descontextualizada, controle da tecnologia e proibição do uso de agrotóxicos, diminuindo a emissão de gases estufas em 78%. Foram estabelecidas, logo, funções específicas para homens e mulheres, de acordo com a suposta capacidade biológica de ambos e relegando estas a papéis de submissão. A estrutura de Gilead define as funções da população e, principalmente das mulheres, que são obrigadas a servirem aos homens, como as Aias, que só estão vivas para reproduzirem, as Esposas, que são as donas de casas e mães dos filhos gerados pelas Aias ou por elas mesmas, e as Marthas, que são empregadas.

Para compreender O Conto da Aia e seus personagens, é preciso valer-se de noções de estruturas sociais, como de sociedade patriarcal. De acordo com Saffioti (1987), a ideia central do patriarcado consiste em construir uma relação na qual os homens são superiores às mulheres, que desde a infância têm suas funções definidas por seus familiares e pela sociedade. O patriarcalismo é o sistema mais antigo de dominação, exploração e controle que se reflete também no âmbito cultural, Estado, mídia e religião.

Esse patriarcado é embasado na interpretação das leis contidas no velho testamento, e o conceito dá conta de um sistema social que embasa a estrutura da sociedade, com os relacionamentos da população marcados pela dominação e violência (BARRETO, 2004) (BARRETO, 2004). Gilead é uma sociedade patriarcal que tem a Bíblia como Constituição, totalmente controladora, onde os homens governam e ditam regras às mulheres, que sofrem abusos diários. Entre as violências, estão as mutilações genitais e físicas, como a perda de dedos, olhos e língua, morte por desobediência das leis (leitura, confronto e homossexualidade), controle psicológico e trabalho forçado nas Colônias, onde existe um lixo tóxico em que as mulheres inférteis ou que cometeram algum crime são enviadas para trabalhar.

Os conceitos de patriarcado ressaltam os papéis sociais das mulheres, permitindo-nos fazer um contraponto da série com a realidade das sociedades ocidentais contemporâneas. Para as mulheres, são atribuídas as funções de mães e donas de casa, enquanto os homens ficam responsáveis pelo sustento e pela chefia da família, assim como preconiza Saffioti (1987) para o patriarcado. Elas, por sua vez, são destinadas a ficarem no espaço doméstico, que é privado de outras funções consideradas masculinas. Em Gilead, apesar da divisão de classes entre as mulheres, que se constituem em: Aia, Esposa, Martha, Tia, Jezabels (prostitutas), Econoeposas (pobres), Não-Mulheres e Traidoras de gênero, elas desempenham as funções de mães, esposas, empregadas e reprodutoras, sempre servindo aos desejos dos homens. As personagens mais enfatizadas são as Aias e as Esposas; enquanto as primeiras são reprodutoras, as Esposas são casadas com os homens ricos de Gilead, normalmente, os Comandantes, e exercem ocupações de donas de casa e de mães. Em muitos casos, elas são as inférteis, ainda que isso possa acontecer também com os homens (que não admitem), como o Comandante Fred Waterford, marido de Serena.

Os filhos são, então, bens preciosos e influenciam a vida das mulheres da República, como é o caso de June, personagem principal, que tem a oportunidade de fugir de Gilead, mas continua no país para recuperar a filha mais velha. Entre os trabalhos encontrados, destacam-se os que debatem a trajetória da protagonista, June Osborne. Serena Joy, antagonista, não é apresentada como objeto de análise, mesmo sendo, possivelmente, a personagem mais complexa da obra, pois ajudou ativamente a construir um país que tirou o seu direito ao espaço público e a levou à completa submissão no espaço doméstico. A personagem tem posições contraditórias sobre o mundo, quando

percebe que pode perder a filha que tanto desejou, atitudes que vão se desenvolvendo durante a narrativa e modificando a maneira como ela observa a realidade de Gilead.

A trajetória da Serena e suas ações em certos momentos da narrativa se destoam das funções que executa diante da sua nova realidade em Gilead, sendo três delas crimes, como: ler em público, leitura e escrita são proibidas para as mulheres, os livros e computadores são restritos aos homens; comandar no lugar do marido, elas não podem se envolver com política; e devolver o bebê para que June a tire daquele lugar, ação que se caracteriza como sequestro, agravada por se tratar do bem mais precioso para eles. O maior desejo da personagem é ser mãe, portanto, o ato de entregar a filha para June representa uma quebra nos objetivos dela, para além de um crime gravíssimo. A personagem demonstra ações complexas diante da situação que ajudou a construir, pois, acreditava que, com a criação de Gilead, poderia alcançar seus desejos. Entretanto, ao se deparar com a perda, não somente dos direitos como cidadã, que abriu mão pelos seus objetivos pessoais e sociais, mas também com a ausência de Holly/Nichole, começou a demonstrar intenções divergentes do que já havia sido apresentado por ela, ações que serão analisadas neste trabalho.

O seguinte problema de pesquisa se apresenta: de que forma as representações dos espaços, papéis e funções sociais destinadas às mulheres são apresentados através da trajetória de Serena Joy, a líder das Esposas em Gilead e antagonista na série *O Conto da Aia*? O corpus da pesquisa é composto por 3 temporadas, a primeira tem 10 episódios, e a segunda e terceira, 13, cada temporada, um total de 36 episódios, com média de 60 minutos por capítulo, avaliados com foco somente na trajetória da antagonista. O trabalho contou com uma pesquisa do tipo descritiva, para identificar as mulheres e as obrigações que são encarregadas a elas, a partir da antagonista da série, usando o método descritivo para analisar as ações dos personagens e os conceitos que ressaltam as relações machistas e patriarcais. Desta maneira, não se produz uma avaliação estrita do aspecto audiovisual do produto (PENAFRIA, 2009), com enquadramentos, composição e ângulo, além de som e estrutura – planos, cenas e sequências, mas uma descrição tensionada pelos conceitos apresentados, com ênfase, principalmente, na relação da mulher com a sociedade, dos espaços que ocupa e das funções sociais desejadas.

“Bendito seja o fruto”

Serena Joy é apresentada no primeiro episódio da série como a mulher do Comandante Fred Waterford, sendo conhecida como Mrs., senhora em português, Waterford; ela é a Esposa infértil da nova casa da protagonista, June Osborne, que começa a ser chamada de Offred em referência a Fred, pois passa a ser propriedade dele. O nome Serena é uma variante em língua espanhola *Sirena*, que tem origem no grego *seirén* e significa ligação, laço e cadeia. “O nome é bastante simbólico para a realidade vivida pela personagem, que está ligada ao sistema de Gilead desde o início, tendo posteriormente se tornado uma prisioneira dele” (SILVA, 2018, p. 39). As funções sociais em Gilead também são divididas pelas cores das roupas de cada grupo. As Esposas, diferentes das Aias, têm modelos variados de vestidos, mas também só usam uma cor, o azul, em alusão à santidade de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, conhecido por ser o salvador da humanidade. Os cristãos acreditam que Maria concebeu seu filho pelo poder do espírito santo. “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é fruto do teu ventre!”, ou seja, Maria e seu filho seriam abençoados, e ela foi a escolhida dentre todas, tornando-se o modelo do que o feminino deveria ser, santa, pura, virgem e mãe (FOLLADOR, 2009; LEAL, 2012; PIRES, 2016). As Esposas seguem essa linha, convertendo-se para uma vida de submissão, são passivas e dedicadas, sendo pacientes na espera por um milagre, que é a maneira como intitulam os filhos, como Maria que deu a luz ao filho de deus, o milagre do mundo. “No ocidente cristão medieval, a mulher passaria a ser associada ao demônio e essa diabolização se remete à descendência de Eva, símbolo do pecado e tentação” (FOLLADOR, 2009, p. 6).

Em seu cotidiano, costumam dar ordens para Marthas e Aias, fazer jardinagem, pinturas e tricotar. Outra atividade recorrente entre as mulheres desta classe é participação nas cerimônias quando um bebê está para nascer; neste ritual, a Esposa, que está esperando a Aia ter uma criança, imita os atos de uma mulher em trabalho de parto, com as outras Esposas a ajudando. Outra tarefa habitual é a participação na cerimônia mensal, que é baseada na história bíblica de Raquel, Bila e Jacó. Durante o período fértil, as Aias são estupradas pelos Comandantes com as Esposas segurando suas mãos para o marido realizar o ato, e qualquer criança que nasça desta ação é considerada filho legítimo da Esposa e do Comandante.

A mulher era submissa ao homem — achavam eles (“e ele te governará”) — e a mulher era desejosa de sexo e, portanto, dependente sexualmente do homem — achavam eles (“o teu desejo será para o teu marido”). E essa dupla submissão da mulher era consequência — achavam eles — do fato de ter sido a mulher que foi traída e seduzida pela cobra, desobedecendo, assim, à ordem divina (GERSTENBERGER, 1989, p. 315).

Antes da implantação de Gilead, Serena era uma pesquisadora, escritora e palestrante, seus estudos se baseavam em questões biológicas, como a infertilidade da população e a conseqüente queda da taxa de natalidade. As suas pesquisas concluíram que o problema era a vida moderna das mulheres, logo, a solução seria o abandono do mercado de trabalho e dedicação à vida doméstica, defendendo que a culpa da infertilidade é das mulheres e elas devem cumprir seu propósito na continuação da espécie, ideias descritas em seu livro, perspectiva com base religiosa. “Mais acessível às tentações da carne e da vaidade, ela [Eva e toda mulher por extensão] tornou-se culpada, por suas fraquezas, da infelicidade do homem” (BADINTER, 1980, p. 34).

A obra apresenta a ideia de um “feminismo doméstico”, ilustrado com a frase “Nunca confunda a mansidão de uma mulher com fraqueza”. Essa ideia representa as Esposas da série, que não necessariamente apoiam o regime, mas não podem contestar as regras que lhes são impostas, tornando-se também vítimas. Emily, uma das Aias, passa um tempo na casa de uma Esposa que finge estar doente durante a cerimônia mensal para que não aconteça o estupro, contestação proibida e punida com a morte.

Para promover suas ideias, Serena participou de movimentos que defendiam a permanência feminina no lar, a fim de proteger o dever divino de procriar e o papel da mulher como progenitora. Ela dirigiu-se até universidades para difundir os conceitos do “feminismo doméstico”, entretanto, parte do público não aceitou, proibindo-a de falar, pois eram ideias religiosamente extremas e fascistas, alguns até mesmo jogaram balões com água no pôster do livro para expulsá-la. Mesmo assim, reuniu um pequeno grupo de apoiadores e conseguiu comover muitas pessoas através de seu discurso pelo futuro da humanidade. Enquanto era filmada, levou um tiro e se tornou incapaz de ter filhos. Neste momento, antes de Gilead, é possível ver a Serena Joy pesquisadora e palestrante, que lutava por suas ideologias, falando alto e se impondo, não sussurrando ou falando baixo, conforme se espera das mulheres no ambiente doméstico (BEAUVOIR, 1967;

FOLLADOR, 2009). Diferente do uniforme azul das Esposas, ela está com uma roupa branca, de calça e cabelos soltos, roupas e penteados comuns fora da nova República.

Junto ao marido, Serena foi uma das responsáveis pelo início de Gilead, sendo uma das autoras das leis desta nação, que proíbe mulheres de escrever. No episódio seis da primeira temporada, intitulado *A Woman's Place*, em referência ao livro da personagem, e focado no passado do casal Waterford, e principalmente em Serena, é possível ver como eles desejavam ter um filho e como a religião era importante no relacionamento (FELDMAN, 2006; FOLLADOR, 2009; GERSTENBERGER, 1989; LEAL, 2012), pois, antes do ato sexual, realizavam uma oração: “Eles, ambos estavam nus, o homem e sua mulher; e não se envergonharam. Que deus abençoe esta união e a faça frutífera”. Ainda assim, própria religião propõe a assimetria, pois “Deus cria, por iniciativa própria, sem influência de pecado algum e contra tudo que sabem os sobre a origem da vida, primeiro o homem e somente em segundo lugar a mulher, a partir da costela do homem (Gn 2.18-23), estabelecendo, assim, desde a origem, uma hierarquia, na qual a mulher depende do homem” (GERSTENBERGER, 1989, p. 315). Eles seguem o texto da Epístola aos Efésios, no qual o apóstolo São Paulo defende que o homem deve ser o chefe da casa porque foi criado primeiro.

O seu desejo de ser mãe era algo tão grande que até abandonou o trabalho que gostava e muitas outras liberdades, com a criação de Gilead; ato que é muito comum na sociedade atual, pois as mulheres abandonam suas carreiras devido à dupla jornada. No Brasil, as mulheres ganham em média 20,5% menos que os homens, de um total de 93 milhões de trabalhadores (PARADELLA, 2019). Ainda no episódio, é apresentada a mudança do casal para o novo país, quando Serena pede para que os Guardiões joguem suas roupas antigas fora e ela recebe uma caixa com vestidos azuis, seu uniforme para desempenhar o papel de Esposa. Fred aparece com sua roupa de Comandante e vai trabalhar, enquanto Serena tenta mobiliar a casa sozinha; antes de Gilead, ele tinha menor projeção profissional. Nas ruas, é possível ver Marthas e Guardiões jogando coisas fora, como brinquedos, roupas e livros, todos levados em caminhões de lixo; entre os objetos está o livro de Serena, o mesmo que ajudou a criar o país.

Serena torna-se uma mulher submissa, não pode ler e nem escrever, abdica de todas as realizações profissionais por causa do desejo de ser mãe. Gilead surgiu com um golpe de estado em 2014, sob a crença de que os homens são superiores e as mulheres têm suas ações definidas pelo governo (BARRETO, 2004). Para Saffioti (1987) e Moura

(2014), um aspecto importante da família patriarcal é a definição das atribuições dadas a cada um de seus integrantes, o homem fica responsável pelo sustento da família, sendo o integrante mais poderoso da casa. Na nova República, não se trata apenas de delimitações sociais e culturais, mas do próprio estado, das suas leis e constituição. Para essa nova Serena, ser Esposa e mãe é suficiente. Apesar de não gostar das Aias e da cerimônia mensal, a antagonista espera que uma delas fique grávida em seu lugar para finalmente tornar-se uma mulher completa.

É precisamente o filho que, segundo a tradição, deve assegurar à mulher uma autonomia concreta que a dispense de se dedicar a qualquer outro fim. Se como esposa não é um indivíduo completo, ela se torna esse indivíduo como mãe: o filho é sua alegria e sua justificação. É por ele que ela acaba de se realizar sexual e socialmente; é, pois, por ele que a instituição do casamento assume um sentido e atinge seu objetivo (BEAUVOIR, 1967, p. 247).

No episódio três da primeira temporada, quando a menstruação de June atrasa, Serena passa a ser gentil com a Aia, preocupando-se com sua saúde, convidando-a para visitar a criança de outra Esposa, e até a salva das torturas de Tia Lydia, expulsando-a de sua casa. Ela expressa gratidão, revelando que June é um milagre em sua vida. Contudo, quando descobre o aborto espontâneo da protagonista, tranca-a dentro do quarto e ainda avisa que a vida ficará pior. O comportamento demonstra como ela só se importa com alguém quando pode se beneficiar, neste caso, o seu maior desejo, aquilo pelo qual mudou tudo em sua vida e que a tornará, enfim, uma mulher completa: ser mãe (BADINTER, 1980; BEAUVOIR, 1967). “É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie” (BEAUVOIR, 1967, p. 248).

Após isso, Serena descobre que Fred também é infértil. Desesperada com a ideia de não poder ter um filho, a Esposa diz a Nick, o Guardião e futuro amante de June, que eles devem realizar a cerimônia sexual, ou seja, um estupro; como o motorista é fértil, ela fica grávida novamente. Serena percebe depois que seu marido levava a protagonista para a casa das Jezebels, o que Fred fez com sua primeira Aia, levando-a a cometer suicídio. Ela agride June e ameaça a protagonista a partir da primeira filha da Aia, dizendo que Hannah ficará em segurança se o seu bebê estiver seguro. Serena ainda revela para Fred, como forma de vingança, que o filho não é dele, pois ele é indigno e fraco e deus nunca o deixaria perpetuar essa fraqueza.

“Dá-me filhos, se não eu morro”

Uma das maiores inspirações para a função social de uma Aia é a história bíblica de Raquel, que era infértil, e chegou a implorar a Jacó, seu marido, para terem filhos: “Dá-me filhos, se não eu morro”. Ao perceber que não poderia gerar uma criança como sua irmã, Lia, e também esposa de Jacó, ofereceu sua serva ao homem: “Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela”. Os filhos de Bila foram considerados como de Raquel, assim como os filhos das Aias em Gilead.

A segunda temporada narra a gravidez de June e a preparação de Serena para a chegada da criança. Neste momento, a protagonista tem uma proteção e a Esposa não pode machucá-la, pois a condição de June a tornaria frágil. As mulheres grávidas são consideradas fracas fisicamente (FOLLADOR, 2009), sendo menos capazes de realizar qualquer tipo de atividade, tanto que uma Aia grávida não precisa mais ajudar nas tarefas de casa e nem mesmo ir ao mercado, uma de suas funções. Serena somente aceita a protagonista em sua casa porque não quer perder os momentos em que a criança está formando-se na barriga, pois deseja fazer parte deste período. Em determinadas ocasiões, tenta ser gentil com June, levando-a em passeios e participando de todas as consultas médicas. É o começo de uma união entre as duas personagens por causa da maternidade, porém, as Aias são alertadas pelas Tias, da inveja que as Esposas sentem da fertilidade, por isso, é preciso tomar cuidado. As mulheres incapazes de gerar vida são consideradas ciumentas e perigosas (SILVEIRA, 2008). Em determinados momentos das vidas, são admiradas como um ser santo e, em outros, menosprezadas por serem consideradas perigosas e pecadoras, demoníacas. “Essas características levaram a dois papéis impostos às mulheres: o de Eva, que servia para denegrir a imagem da mulher por ele maculada; e o de Maria, santa mãe zelosa e obediente, que deveria ser alcançado por toda mulher honrada.” (FOLLADOR, 2009, p. 6).

Fica evidente, no sexto episódio da segunda temporada, o desejo que a Esposa sente de estar no lugar de June, quando convida outras Aias para sua casa e as força a comer e conversar como amigas comuns, como se não estivessem em um Estado que as oprime física e emocionalmente de maneira constante. Serena tenta conversar com as Aias, mas, por causa do desconforto, vai sozinha ao jardim. A cena demarca o sofrimento da antagonista, que cuida de uma muda de planta, que representa uma nova vida. A trilha

sonora calma e o clima frio com tons azulados acentuam as ações solitárias e o olhar infeliz da personagem, que deseja muito gerar uma criança. Neste episódio, uma das Aias realiza um atendimento contra diversos Comandantes, reunidos na inauguração de um novo Centro Raquel e Lia. Fred é um dos feridos, ficando no hospital incapacitado de trabalhar e tendo que pedir a Serena para ser sua porta-voz no comitê, que acaba necessitando da ajuda de June para escrever memorandos; ler e escrever são crimes capitais em Gilead.

No episódio sete, uma criança adoece e não existe nenhum especialista homem no país que possa ajudá-la. Serena e June assinam um documento em nome de Fred, permitindo que uma Martha, que era médica antes do regime, realize exames para tentar descobrir uma maneira de curar a criança. Em seu retorno, Fred acusa Serena de conspiração com ajuda de uma Aia, por isso, chama as duas para o seu escrito e lê a passagem da Bíblia: “Esposas, submetam-se aos seus maridos, como ao senhor. Maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres. Tratem-nas com honra, como parte mais frágil”. Após isso, manda Serena encostar em uma cadeira e bate nela com sua cinta, obrigando June a presenciar todo o acontecimento.

Neste momento, fica evidente como a religião é usada para definir as relações entre masculino e feminino em Gilead, seguindo um modelo hierárquico mais rígido do patriarcado, com bases religiosas (BADINTER, 1980; FELDMAN, 2006; FOLLADOR, 2009; GERSTENBERGER, 1989; LEAL, 2012; SILVA et al., 2005; PIRES, 2016). As mulheres não têm acesso à leitura, nem mesmo da Bíblia, cujas escrituras são usadas como justificativa para a realização de atos violentos. Entra aqui a “demonização” do feminino, com intuito de justificar a sociedade patriarcal e as atitudes agressivas e de dominação contra as mulheres. Depois da agressão de Fred, Serena mostra fragilidade e vulnerabilidade, aparecendo pela primeira vez sem uniforme em Gilead, enquanto olha para as marcas da cinta em seu corpo; ela está exposta, evidenciando seu tormento, enquanto chora em seu quarto escuro. Contudo, a antagonista finge que está bem, sendo rude com a Aia e não demonstrando fraqueza.

No dia seguinte, o casal Waterford prepara-se para realizar uma viagem para o Canadá, a primeira visita de um líder de Gilead ao país vizinho. Serena está magoada com o marido, porém, decide focar sua raiva em June e anuncia que depois que o bebê nascer, a Aia deverá sair de sua casa. Em sua viagem, a Esposa observa mulheres com roupas comuns andando nas ruas e casais se beijando livremente, ações que não são permitidas em seu país. Ao ser deixada sozinha por Fred, um representante do governo oferece ajuda

em troca de informações sobre Gilead. Serena tem a chance de se livrar de toda a violência e opressão e, mesmo após passar por uma agressão, demonstra lealdade e recusa a oferta. Mark Tuello ainda diz que aquela não será a primeira vez que eles vão se encontrar, algo que é verdade.

A Esposa, embora seja vítima do sistema, é uma pessoa da elite com benefícios garantidos, ignorando o sofrimento do seu próprio gênero. Diferente de Serena, outras mulheres de Gilead aproveitam a oportunidade e escrevem cartas para o Canadá, que são publicadas e dificultam a relação entre as nações. Uma canadense até fala para Serena que é muito triste o que fizeram com uma antiga pesquisadora e escritora. O feminismo é uma das armas mais utilizadas para mudanças na realidade das mulheres, e com ele é possível ter uma transformação nas desigualdades e validar as lutas sociais femininas (BARRETO, 2004; BEAUVOIR, 1967; CASTELLS, 1999; KARAWEJCZYK, 2013; SALOMÃO, 2018; TELES, 1993; TOMAZETTI, BRIGNOL, 2015). O movimento aparecera na série ainda no período de transição do novo regime, quando cresciam as forças conservadoras e opressoras.

Quando o casal volta, um conflito entre Aia e Esposa começa. Para apressar o nascimento e livrar-se da Aia, Serena decide que Fred deve estuprar June fora da cerimônia mensal, algo proibido até em Gilead, assim o bebê nasceria mais rápido, de “forma natural”, como ela defende. Com a aprovação do marido, Serena chama a Aia para seu quarto e Fred a estupra; enquanto June grita, ele cita a passagem da Bíblia, na qual Raquel pede para Bila ter filhos com Jacó no lugar dela. Fred realiza esse ato encarando a Esposa. Com o nascimento de Holly, nome dado por June em homenagem a sua mãe, ou Nichole, escolhido por Serena, a Aia é levada da casa dos Waterford para o Centro Raquel e Lia. O Conto da Aia apresenta então uma das cenas mais felizes para Serena, que finalmente realizou o seu sonho e é uma mulher completa. A luz que entra pelo quarto da criança é brilhante, tudo está iluminado e a Esposa finalmente está sorrindo, um sorriso genuíno de alegria. Neste momento, Serena participa definitivamente do espaço privado destinado às mulheres em uma sociedade patriarcal; além de uma esposa esforçada, uma mãe dedicada, semelhantes aos papéis femininos bem determinados em nossas sociedades, como observado mais anteriormente por Beauvoir (1967) e mais recentemente por Follador (2009). É para isso que todas as mulheres são preparadas, principalmente em Gilead. O que causa uma ruptura na alegria de Serena é falta de leite

para a criança, com a personagem tentando amamentar Nichole. June, então, precisava voltar para a casa.

Ao se preocupar com o futuro de meninas em Gilead, June conversa com Serena para que esta encontre uma maneira de obter mais liberdade no ensino. Embora negue ajuda nesse “pecado”, volta atrás e, com outras Esposas, discute com o comitê dos Comandantes a possibilidade de as meninas aprenderem a ler. Serena está em um púlpito no meio das Esposas, ela é o centro, todas as outras esbanjam confiança e firmeza, porém, quando lê a Bíblia na frente dos Comandantes, as Esposas abandonam sua líder e Fred a encara com indignação e fúria. A punição é a mutilação de um dos dedos, ficando demarcado o quanto o país retrocedeu, pois até no século 19 as brasileiras tinham acesso à educação (FOLLADOR, 2009). Antes do regime, Fred era um marido dedicado e apoiava as produções de Serena. Em Gilead, tornou-se frio, só pensando em suas realizações. A primeira agressão mostrou que, como sua Esposa, ela necessita apenas servi-lo e obedecê-lo; e puni-la por ler é uma forma de realçar seu poder perante os Comandantes (BARRETO, 2004; MOURA, 2014).

A violência institucionalizada faz Serena desmoronar. No episódio treze da segunda temporada, o mesmo que ela perde o dedo, ela abre mão até da filha, deixando June tirá-la de Gilead. Essa é a maior ruptura na narrativa da personagem, depois da leitura em público e do comando no lugar do marido. Mesmo desgostosa em diversas situações, jamais abandonou a causa que ajudou a construir, e tudo pelo desejo de ser mãe, o que faltava para se tornar uma mulher completa, pois já era casada. No final da temporada, ela abdica disso pelo anseio da filha obter uma vida melhor fora do regime opressor, ajudando a protagonista e as Marthas a cometerem este crime capital. Antes de sair do quintal, Serena hesita, mas June a convence que Gilead é um lugar cruel para uma menina crescer, e que sabe do amor que a antagonista tem pela bebê. A cena é escura e demarcada pelo crescimento da trilha sonora que denota tristeza. Serena ainda ajuda Nick a deter Fred para que a protagonista tenha mais tempo para fugir, dizendo para o marido que tudo que fez foi o melhor para a filha, atitude que fez June renomear a criança como Nichole, em homenagem ao ato corajoso da Esposa.

No início da terceira temporada, sem a filha, Serena está inteiramente vulnerável e renúncia todos os seus títulos: queima sua casa, deixa Fred e vai morar com a mãe. Enquanto fica mais triste e deprimida, a mãe a incentiva a voltar para o marido, pois seria o seu papel, sua única função em Gilead (MOURA, 2014). A mãe da personagem a faz

se sentir pequena e inútil, o que acontece em muitas famílias, quando são vistas como culpadas pelo fracasso do casamento e não são amparadas pelos parentes. A personagem está sozinha e encontra no suicídio uma saída; ela entra no mar e chora ao olhar o sol, provavelmente pensando em tudo que perdeu. A cena é intercalada com um discurso de June sobre cultura feminina, dando a entender que Serena se juntará à resistência. Outra escolha, entretanto, seria voltar com Fred, único que pode ajudá-la a se tornar a mulher que deveria ser e trazer a filha para Gilead.

“Culpa dela”

A antagonista reata com Fred e viaja ao Canadá para ver mais uma vez Nichole. Nessa nova viagem, é oferecida mais uma vez a chance de trair Gilead, porém, prefere confiar no governo e marido. O casal planeja conquistar a compaixão do governo canadense com vídeos dramáticos, obrigando até mesmo June e outras Aias a participarem do teatro, coagidas a orar pela volta da criança. Serena é novamente a vilã da história, fazendo o público se esquecer de que ela também é oprimida por aquela estrutura patriarcal. A Esposa volta a ser agressiva com a Aia e só pensa no seu objetivo desde o início: ser mãe; logo, a ideia de que ela usasse sua influência para ajudar na resistência é descartada. Quando June implora para que ela deixe a filha livre e não continue com os vídeos, a Esposa diz que não pode deixar Nichole no Canadá porque a ama, embora a Aia rebate que Serena não consegue e não sabe como amar. Nesta cena, as duas estão sozinhas e os gritos de June falando que a Esposa é cruel dão eco por todo o ambiente sem trilha sonora, acentuando o discurso. Elas discutem na frente da estátua demolida de Abraham Lincoln, ex-presidente dos EUA, localizada em Washington D.C.; a sua demolição representa também o fim da liberdade e igualdade que simbolizava.

A terceira temporada foca na tentativa de June de salvar Hannah, sua primeira filha, e outras crianças de Gilead, enquanto Fred pretende conseguir um trabalho na capital, Washington, e Serena pensa em como recuperar seu bebê. O trabalho do marido, todavia, dificulta os desejos da Esposa. A antagonista percebe que os vídeos não fizeram as negociações avançarem e a criança não retornaria, quando convence Fred a entrar em acordo com o homem que lhe prometera anistia caso trásse Gilead. Tudo, no entanto, não passou de uma cilada para o marido, pois Serena fez um acordo para entregá-lo e revelou segredos de Gilead, em troca de ficar perto de Nichole, sem ser punida pelas atrocidades

que era obrigada a fazer. Ela parece alegre ao se desvincular da opressão do país e do marido, simbolizada pela troca das roupas que a caracterizavam como uma mulher submissa, seguindo as definições anteriormente apresentadas. A personagem usa os cabelos soltos com roupas coloridas e calças, além de ganhar um jornal para leitura, algo que não era permitido e até lhe custou um dedo.

A personagem descobre que em breve poderá andar livremente e até mesmo escolher uma casa para viver, como qualquer mulher do Canadá. O maior objetivo da personagem agora é terminar os depoimentos que se comprometeu a dar para viver livre. Com a oportunidade de refazer a vida e ainda ficar perto da bebê, Serena aparenta felicidade, mas não arrependimento. Ela traiu o marido não porque acreditava que Gilead era um lugar horrível, mas pelos benefícios que conseguiria com a traição, assim como quando ajudou a criar as leis do Estado por meio de seu livro para ser uma mulher completa. A vontade de ser mãe a fizeram mudar e contradizer-se, com submissão ao marido e devoção extrema a Gilead.

Apesar de conseguir fugir do país, alegando ser obrigada a realizar diversos atos, incluindo a cerimônia religiosa mensal, Serena foi denunciada por Fred, informando que ela cometeu crimes que são considerados pecados e estão além das leis de Gilead e de deus, que é o pilar do país. A antagonista é presa por crimes contra a humanidade, como escravidão sexual e estupro – aquelas fora da cerimônia mensal. Mesmo no Canadá, a personagem ainda se refere à protagonista pelo seu nome em Gilead, como sendo propriedade do Comandante, não demonstrando arrependimento ou aversão aos acontecimentos na República religiosa. A temporada termina com Serena na prisão, porém, o criador, Bruce Miller, revelou que a próxima temporada, além de focar nos acontecimentos de Gilead pela narração de June, vai evidenciar Serena sendo realmente punida pelos seus crimes.

Considerações finais

Serena Joy é a antagonista da série O Conto da Aia e, antes da instauração de Gilead, era pesquisadora, escritora e palestrante, participando ativamente do espaço público, embora defendesse um “feminismo doméstico”. Neste sistema, as mulheres deveriam voltar às funções tradicionais de servidão e sujeição ao homem, primeiro pai, depois marido. Essas ideias ocasionaram na criação de Gilead. A personagem tornou-se

uma das Esposas submissas que precisam realizar atividades do cotidiano comuns no espaço doméstico, baseando-se no ideal de Maria de Nazaré, mãe, esposa, santa e virgem. O âmbito privado é o local escolhido para as mulheres desde o início de suas vidas, pois são obrigadas a aprender e desempenhar somente as funções domésticas de limpar, costurar e cozinhar, além da jardinagem. Gilead proíbe ainda a leitura e a educação formal para que as mulheres não tenham nenhum poder pelo conhecimento. Esse modelo é o que Engels (1984) define como família monogâmica e patriarcal – isto é, com o homem no comando –, o lar tornou-se um serviço privado e a mulher se transformou na primeira criada, sem participar da produção social.

Por ser infértil, a personagem precisava dos serviços de uma Aia para se transformar em uma mulher completa, sendo mãe, além de esposa. A antagonista é uma pessoa que, para tentar alcançar os padrões de mulher completa e perfeita, seguindo padrões observados por Beauvoir (1967) para nossas sociedades. Ela ajudou os homens a criarem um mundo no qual até ela é completamente submissa, extremo até para os padrões ocidentais do século 19, tendo que aguentar agressões e retaliações por parte do marido, além de proibições como leitura e livre trânsito pelas ruas. O que fica demarcado na personagem é a sua obsessão pela maternidade, e fixação por uma criança que não é sua filha, levando-a cometer crimes bárbaros até mesmo para Gilead.

Apesar das agressões recebidas pelo governo e pelo marido, continua se importando apenas com a maternidade, ajudando o marido até a estuprar June para que a criança nasça mais rápido. Quando ela deixa sua filha ser levada do país, não é mais uma mulher completa, pois, além de renunciar a filha, abandona o marido; o que ocasiona até numa tentativa de suicídio. A partir deste momento, o papel de Esposa e a religião se tornam menores do que a maternidade, como se precisasse disso para viver. Esse desejo de ser mãe é, para muitas mulheres, o papel principal de suas vidas, mesmo em nossas sociedades.

As exigências impostas retomam, portanto, um ideal retrógrado do que é ser mulher na sociedade ocidental, com funções específicas em espaços domésticos e sempre usando a região para definir as relações entre homens e mulheres. Dentre os principais aspectos, destacam-se: Destinação completa ao espaço privado, pois estudar e trabalhar fora de casa é proibido; Delicadeza, fala tranquila e passividade nas relações; Espera (do milagre) de ter um filho, pois ser esposa e mãe tornam a mulher completa, e as que não são se tornam perigosas; Fraqueza e fragilidade como características inatas, por isso são

menos capazes; Roupa de modelos restritos e cor única (azul), em alusão à pureza e à santidade de Maria de Nazaré; e Submissão e servidão total aos homens, em especial ao marido.

A história representa, ainda, o feminismo como movimento para conquista e manutenção do direito das mulheres, realizando uma aproximação maior da produção com a realidade encontrada em nossas sociedades.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BARRETO, Maria. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, v.1, p. 64-73, dez. 2004.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz&Terra, 1999.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.
- FELDMAN, Sérgio. A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos). **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, p. 251-272, jul./dez. 2006.
- FOLLADOR, Kellen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato&versões**, Mato Grosso do Sul, v.1, n. 2, p. 3-16, 2009.
- GERSTENBERGER, Erhard. Javé, o Senhor: um Deus patriarcal e libertador? **Estudos Teológicos**, Rio Grande do Sul, v. 29, n.3, p. 313-319, 1989.
- KARAWAJCZYK, Mônica. As sufragettes e a luta pelo voto feminino. **História, imagem e narrativas**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 1-24, 2013.
- LEAL, Larissa. As várias faces da mulher no medievo. **Linguagem, Educação e Memória**, Mato Grosso do Sul, n.3, p. 1-21, 2012.
- MOURA, Clarissa. **Um emissor e dois enunciadores: a violência contra a mulher nas páginas de Massa! E a Tarde**. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- PARADELLA, Rodrigo. Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens. **Agência IBGE Notícias**, 11 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

noticias/noticias/23924-diferenca-caiem-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens> Acesso em: 15 de julho de 2019.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: Anais do **VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, 2009.

PIRES, João. Misoginia medieval: a construção da justificativa da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original. **Faces da História**, São Paulo, v.3, n. 1, p. 128-142, jan./jun. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALOMÃO, Raphaella. Conheça Alzira Soriano, a primeira prefeita eleita na história da América Latina. **Medium**, 9 de ago. 2018. Disponível em: <<https://shre.ink/S4w>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

SILVA, Alane. A Woman's Place: uma análise comparativa da personagem Serena Joy do livro para as telas. **Trasversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v.4, n.8, p.31-42, 2018.

SILVA et al. A mulher e sua posição na sociedade – da antiguidade aos dias atuais –. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.65-76, dez.2005.

SILVEIRA, Rosa. Diversidade de gênero – mulheres. In: ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; DIAS, Adelaide Alves. (Org.). **Direitos humanos: capacitação de educadores: fundamentos culturais e educacionais da educação em direitos humanos**. João Pessoa, v. 2, p. 41-55, 2008.

TELES, Maria. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

TOMAZETTI, Tainan; BRIGNOL, Liliane. O feminismo contemporâneo a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital. In: Anais do **10º Encontro Nacional de História da Mídia**, Rio Grande do Sul, p. 1-15, jul, 2015.